



Na mata brasileira,
uma caminhada
se torna
um teste de
sanidade e
sobrevivência

DENTRO DA MATA

POR PETER MICHELMORE

CAMINHANDO AO LONGO de uma trilha na Floresta Amazônica, a cerca de 300 quilômetros de Manaus, Dave Boyer e Crystal Ramsey estavam maravilhados. Árvores de madeira de lei elevavam-se formando um dossel colorido por uma infinidade de tons de verde. Morcegos penduravam-se nos galhos cobertos de cipós, e papagaios e tucanos gritavam do alto das copas frondosas. No solo úmido, sapos de um verde fosforescente abocanhavam gafanhotos de 15 centímetros e aranhas que mais pareciam miniaturas de monstros. Era o sonho dos aventureiros, amantes da natureza, que se tornava realidade.

Os dois universitários americanos estavam na primeira semana de uma estada de dois meses no Amazon Youth Hostel, um albergue que consiste num conjunto de bangalôs de madeira assentados sobre estacas na cabeceira do Rio Camarão Grande, na Amazônia. Pretendendo retornar bem antes do pôr-do-sol naquela terça-feira, no fim de maio, Boyer carregava

apenas o indispensável em sua mochila: seis barras de cereais, recipientes de água, um frasco de repelente de insetos, um canivete suíço e uma máquina fotográfica. No pulso, uma bússola. Ambos usavam botas, calça clara e camiseta.

No albergue foram informados de que a trilha, marcada por setas brancas, terminava num rio, a duas horas de caminhada dali. Mas houve um mal-entendido com relação à palavra "rio". Eles não viram nada que considerassem como tal. A floresta estava repleta de águas paradas. Talvez tivessem atravessado o rio sem perceber e se embrenhado na selva.

No meio da tarde, decidiram voltar. Atrás deles, a mata parecia ter se fechado sobre o caminho. Procuraram por suas pegadas e por galhos quebrados. Não viram nada, nenhuma marca familiar, nenhuma seta branca. Como Boyer achava que haviam seguido para noroeste, rumaram para sudeste. Mas caminhar em linha reta num labirinto de árvores mostrou-se impossível.

"Sejamos realistas", disse Crystal. "Vamos ter de passar a noite aqui." Construíram então um abrigo com folhas de palmeira.

Com a escuridão, tudo mudou. Uma nuvem de mosquitos vermelhos desceu sobre eles, picando a pele exposta e perfurando-lhes a roupa. Emplastraram-se de repelente até esvaziar o frasco. Boyer arrancou algumas palmas para espantar o enxame. Na vegetação rasteira entrelaçada, ouviam o farfalhar das folhas e o som de animais se movendo de um lado para o outro. A fim de passar o tempo, os dois jovens cantaram e contaram piadas.

Conheceram-se quando calouros na Universidade da Flórida, em 1998, e se apaixonaram. Compartilhando o entusiasmo pelo mundo natural, seu maior sonho era fazer trilhas pela Amazônia. "Um dia levo você lá", prometeu Boyer.

Durante os dois anos em que estiveram juntos, foram para Spokane, em Washington, onde Crystal estudou os grandes felinos. Depois, ela partiu para a África do Sul a fim de pesquisar os guepardos e Boyer foi estudar economia na Universidade da Carolina do Norte. Quando ela voltou, Boyer cumpriu a promessa. Trabalhando à noite numa videolocadora, economizou o necessário para a viagem à Amazônia.

POUCO DEPOIS da meia-noite, ouviram o barulho de um barco a motor, a leste. Isso



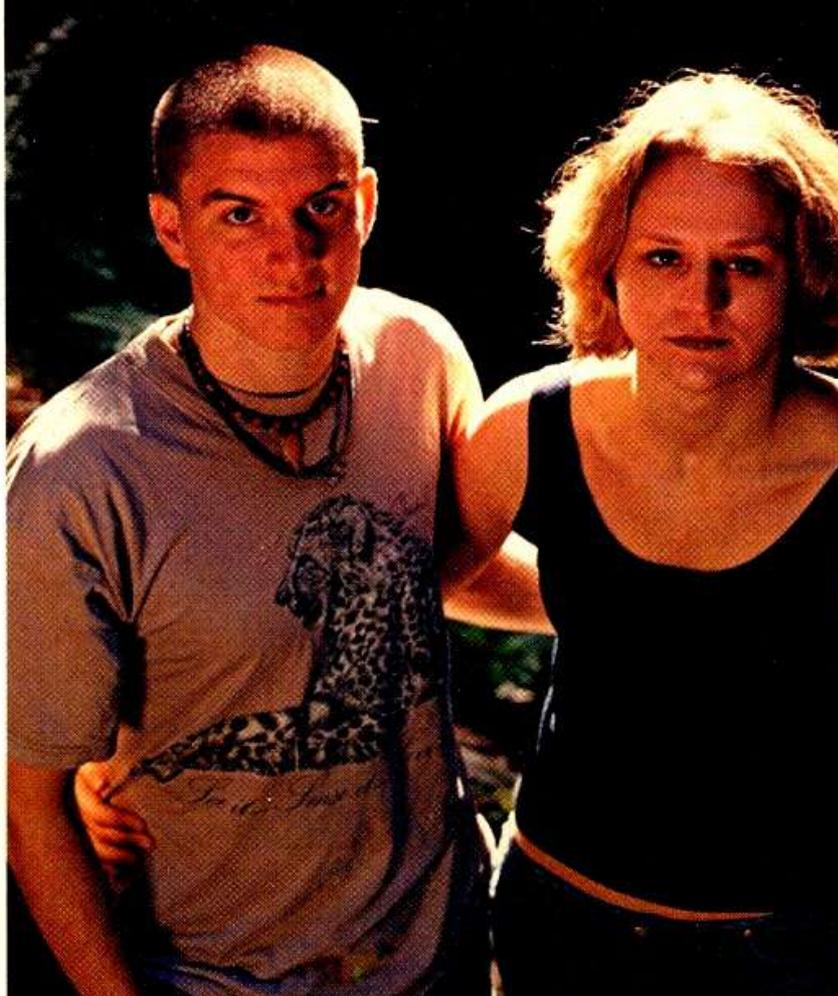
significava que estavam perto de um rio. Não perceberam, no entanto, que na selva os troncos das árvores ecoam o som, distorcendo sua direção.

Ao raiar da quarta-feira, comeram uma barra de frutas cada um, beberam água e seguiram em ziguezague para leste. Estavam certos de que chegariam ao albergue para o café da manhã. Ao meio-dia, porém, não havia sinal do rio e a água terminara. Sob o calor causticante, estavam ficando desidratados. A água de um riacho próximo estava coberta de folhas. Boyer cortou a base de uma garrafa, encheu-a de água e Crystal usou o sutiã como filtro. O gosto era de giz.

“Temos de beber isto de qualquer jeito”, afirmou ela, enchendo os recipientes que carregavam. O fantasma de doenças, diarréia e vômito assombrou-lhe a mente. Ela também tomava remédios contra depressão – e agora estava sem eles. Seu maior temor era que o calor, o estresse ou a fome trouxessem o desespero.

Ao contornar um pântano, descobriram um declive seco no qual passariam a segunda noite. Boyer usou o canivete para montar uma tenda de palmas. A fim de se protegerem dos mosquitos, espalharam lama no rosto, nas mãos e nos pés. A tenda os abrigou da chuva, mas não dos insetos. Seca a lama, eles a atravessaram.

No terceiro dia, quinta-feira, dividiram uma barra de granola e colhe-



Os sobreviventes, Boyer e Crystal, sabem como é ser testado pela natureza.

ram mais água no riacho. Boyer estava certo de que, se rumassem para sudeste, encontrariam um rio que os levaria à civilização. Andaram por uma parte tão cerrada da floresta que tinham de passar um de cada vez, e de lado, entre as árvores. Espinhos espetavam-lhes as coxas e arranhavam-lhes as mãos. Formigas negras predadoras caíam da vegetação e se enfiavam por dentro de suas roupas.

Naquela noite, cavaram uma trincheira no solo argiloso e se cobriram com terra. Isso tampouco foi impedimento para os mosquitos. Uma chuva fria os espantou por pouco tempo. O enxame logo voltou, embora a chuva ainda persistisse. Crystal começou a tremer. Boyer a abraçou, tentando aquecê-la e confortá-la. Ela,

porém, tinha a sensação de estar perdendo a consciência.

NAILÊ QUEIROZ MALDONADO, dona do albergue, enviou empregados em busca dos jovens quando eles não voltaram na primeira tarde. No terceiro dia, a equipe de busca aumentara para 50 homens, vindos dos vilarejos próximos, da cidade ribeirinha de Maués, cerca de 30 quilômetros ao norte do albergue, e do corpo de bombeiros de Manaus.

As autoridades americanas foram avisadas. Na sexta-feira, o quarto dia, um cônsul da embaixada dos Estados Unidos em Brasília telefonou para os pais dos excursionistas. De sua casa em Kernersville, Carolina do Norte, o pai de Boyer contratou um avião de Manaus para procurá-los.

QUANDO A CHUVA enfim cessou, pela manhã, Boyer e Crystal encontraram um pequeno trecho iluminado pelo sol, no qual se secaram. Quando ele tirou a camisa, a moça viu o preço que ele pagara por protegê-la. Suas costas eram uma massa inchada de carne vermelha. O corpo dela também estava coberto de calombos. O desânimo a invadiu. “Hoje é um novo dia”, Boyer tentou animá-la. “Vamos tentar.”

À medida que caminhavam, uma barulheira começou a vir das árvores. A uns 20 metros de altura, um bando de macacos pretos e marrons balançavam-se nos galhos e os espiavam com olhos contornados de

branco. Crystal sabia que os macacos viviam nas áreas mais remotas da selva. Ela e Boyer estavam mais perdidos do que nunca.

Na manhã de sábado, o quinto dia, eles dividiam a última barra de cereais quando o barulho de um motor de barco os pôs a correr.

Estamos salvos, pensou Boyer. Entraram pela mata atrás do ronco do motor, cruzando um banco de areia branca e mergulhando de novo na floresta. Quando, porém, pararam para escutar, tudo que ouviram foi o grito dos pássaros. Nada além disso.

A corrida desesperada estourou as bolhas nos pés de Crystal. Agora, cada passo era uma tortura. Boyer percebeu que a jovem estava esgotada, mas ele, também, estava à beira de um colapso. “Agüente até o fim do dia”, pediu a ela. “Por favor, faça isso por mim.”

Com a promessa de tornar a encontrar céu aberto naquele banco de areia, Boyer tentou mantê-la em movimento. Pela bússola, viu que tinham avançado para oeste. “Não devíamos ir nessa direção”, disse ele.

Crystal então assumiu a liderança, passando por cima de troncos caídos e puxando as pernas com as mãos. No fim da tarde, o dossel das árvores começou a rarear e eles chegaram a outra parte arenosa, com arbustos macios e esponjosos. Estar fora da cela de árvores fez Crystal delirar de alegria. Chutou longe as botas e rolou na areia. Sob o céu estrelado, caíram no sono. No domingo pela manhã, Crystal ainda dormia quando

Boyer escreveu com um graveto na areia: “Seis dias perdidos”.

Estavam num declive acima de um trecho inundado, cuja água quase cobria os arbustos e subia pelo tronco das árvores. Ao descerem, abrindo caminho pelo capim-navalha, descobriram que a água ficava cada vez mais profunda. Estariam perto do rio?

Começaram a nadar na água escura, agarrando-se a troncos de árvore para descansar. O frescor da água abrandou a dor nos pés de Crystal, mas os espinhos dos arbustos parcialmente submersos rasgavam-lhe as roupas e puxavam-lhe os cabelos.

Iam em direção a uma clareira quando ouviram um barulho de motor aproximando-se deles. Logo acima da copa das árvores, viram um avião branco com marcas vermelhas. Boyer subiu numa árvore seca, gritou e acenou quando ele tornou a passar devagar – e seguiu seu curso.

Mas Boyer ficou animado. “Estão à nossa procura”, disse ele, “e no lugar certo.” Além disso, na Amazônia, os pilotos costumam seguir os rios, e o céu aberto à frente poderia indicar a presença de um. Continuaram a nadar. Crystal estava tão cansada que às vezes Boyer tinha de rebocá-la.

Pouco depois das 17 horas conse-

guiram transpor a mata. A floresta se abriu num rio largo e turvo. Boyer começou a cortar cipós para amarrar toras e fazer uma jangada. Então Crystal gritou: “Vem vindo alguém!”

Dois homens remavam suas canoas na direção deles. Quando Boyer gritou em seu português tosco, eles sorriram e recolheram os dois americanos enlameados.

Num vilarejo a uma hora e meia dali, trouxeram-lhes pães, suco de frutas e roupas secas. Um casal cortou os espinhos cravados no corpo dos jovens com uma lâmina de barbear e tratou das feridas com unguento. E, em redes, longe do solo molhado da floresta, Boyer e Crystal dormiram um sono profundo.

Levados para um hospital em Maués, os dois foram minuciosamente examinados. Os médicos cuidaram dos pés de Crystal, que ainda ficaria sem andar por dois dias. Depois de quase uma semana ingerindo menos de 50 calorias diárias, suas costelas estavam aparentes.

Apesar do teste a que a selva os submetera, eles decidiram que tinham mais a aprender. Retornaram ao albergue para completar a estada e saíram em nova caminhada – desta vez com guias e sempre marcando o caminho trilhado.

BANDEIRAS

Resposta do *Desafio final* (página 128):

